



## MULHERES, FILOSOFIA OU COISAS DO GÊNERO

Jackson Bentes\*

Valéria Cristina Vilhena\*\*

Onde estavam as mulheres enquanto seus pais e maridos discursavam pelo poder? O que faziam enquanto os homens definiam o uso das linguagens? A pergunta aparece do silêncio das mulheres, de modo particular nas entrelinhas da história da filosofia. Fruto de pesquisas de homens e de mulheres preocupadas/os com a relação entre filosofia e linguagem, o livro *Mulheres, filosofia ou coisas do gênero*, organizado por Márcia Tiburi e Bárbara Valle, é uma trama em treze textos filosóficos, históricos, literários e sociopolítico. As/os autoras/es descrevem simbolicamente um mosaico mostrando que "é na visualização do todo que se percebe a unicidade das peças na multiplicidade de suas abordagens" (p. 7). O local da trama foi a Universidade do Vale dos Rios dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 2003. Cada texto propõe uma forma diferente da discussão entre mulheres e filosofia. Por isso a *trama* e o *mosaico* melhor simbolizam a forma de elucidar as questões do livro.

O texto de Célia Amorós apresenta aos leitores o tema da linguagem e com rigor desenvolve a teoria e a prática do feminismo. A autora se refere à teoria feminista como uma teoria crítica da sociedade e descreve-a a partir da etimologia, ou seja, "o fazer ver" inseparável de um irracionalizar, de um despojar de legitimidade racional aqueles mesmos fenômenos que essa teoria tornou visíveis. Fenômenos como a descrição naturalista são obviamente combatidos pelos movimentos feministas, que prezam por um processo de "liberação cognitiva" que ressignifique a linguagem na cultura e na sociedade, a fim de construir bases alternativas de interpretação da realidade para desencadear uma ação coletiva. Amorós apresenta fenômenos de ressignificação linguística ao analisar peculiaridades da linguagem de grupos oprimidos e/ou subalternos, frutos da abstração iluminista, legitimamente vigente. Nesse cenário, as mulheres preferem ser representadas por mulheres pela mesma razão que um nobre não pode ser representado por um plebeu, não se submetendo como objeto de um pacto.

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

A segunda reflexão dita sobre "Mulheres fáceis, mulheres difíceis" proposta por Livia Guimarães, que passeia sobre a teia relacional da linguagem e do gênero. Como fez Amorós, no texto anterior. As associações entre gênero e controle são dependentes e implicantes, no caso da teoria filosófica e da literatura, ocultam a dominação e se apresentam como neutras e universais, demonstrando sua violência conceitual. O termo "fácil" significa agrado e expressa aprovação, mas também pode significar desagrado, monotonia, o que não excita instintivamente, mas talvez desperte a paixão, uma referência ao texto de Hume sobre o lado volátil das paixões. Mas, kantianamente falando, mulheres "fáceis" ou "difíceis" são próximas, pois "ambas situam-se aquém da maioria moral" (p. 43), governadas pelo prazer ou pelas paixões, medidas pelas qualidades e propriedades, fins e funções que o homem determina, heteronomia é a única regra apropriada a elas. Mas a mesma literatura dos romances escandalosos pode ser vista como crítica: onde o homem ambiciona o controle total e teme em excesso qualquer distúrbio. O problema não está na disponibilidade de seus corpos, mas na indisponibilidade de suas mentes, desagradável ao dominador. As identidades de gênero ou nos eliminam ou nos constroem num círculo vicioso em que a dominação impera. Desvelar essas concepções dominadoras presentes na tradição do pensamento moderno é a tarefa, segundo Guimarães.

A tarefa colocada por Márcia Tiburi se refere ao *discurso ideológico* pelo qual o feminino está abarcado e que, ao mesmo tempo, permite esclarecer o arranjo biopolítico em que este foi inscrito. Interrogando-se (e a nós também) se "A filosofia não poderia ser o resultado de uma inveja do parto, a elevação a conceito não seria o símbolo que se promulga de uma falta?" (p. 55). Servindo-se do texto de Adorno sobre o conto da Branca de Neve (a boa moça), onde ela está exposta a origem metafísica do feminino, marcando o útero (é lar?) como um lugar simbólico, que representa a *falta*, o vazio, e demarca a função do feminino, o qual permitirá viver contra a ameaça da morte, na promessa inversa de alcançar o lugar excelente de sua função sexual. O enclausuramento das mulheres em seu lar é análogo aos animais presos no zoológico (cativeiro do corpo) e auxilia a compreender o corpo não político ou da *vida nua* (a *bloss Leben* de Walter Benjamin) incapaz para a vida política, do direito que é decidido pelo outro. Freud fala da histeria (coisa de mulher) como sintoma de um sistema linguístico "racional e saudável" (coisa de homem) a ser mais bem compreendido por meio do diálogo. Platão já revelara na prática do diálogo socrático, inspirado no corpo feminino, o desejo de Sócrates de imitar e superar sua mãe Diotima, que não participa no espaço do diálogo, mas que pare o filósofo e inspira suas ideias. O pensamento imita um evento corpóreo. Esses argumentos históricos e lógicos, apresentados pela autora, ajustam-se ao movimento do feminismo e renegam a herança iluminista da universalização, que não permite ver com clareza a diferença nas linguagens do oprimido, entre formas de resignificação que têm capacidade de interpelação da linguagem do opressor – é o caso das resignificações feministas iluministas – que a autora vê como efeito a eufemistização,

redefinindo o âmbito semântico e provocando a deslegitimação racional. A tarefa poderia ser mesmo ajudar – como dizia Dewey – a desfazer-se dos móveis velhos que bloqueiam as autoestradas do nosso pensamento, mas não com simplismo e, sim, inspirados na "teoria da tradição emancipatória".

Bárbara Valle recoloca em questão "Como conversavam Safo e suas amigas?" apoiada em um texto do jovem Walter Benjamin. O diálogo é outro (mas não produzido pela cabeça dos homens), pois toca no que é estranho ao universo masculino, o que é encoberto, o silêncio. A palavra às mulheres é vetada e não se deve misturar com a palavra séria, racional com a palavra da poesia, da música, exercida pelas cortesãs e mulheres livres. Em oposição a Platão, Benjamin usará imagens sobre a feminilidade, que ajudam a visualizar a gênese das imagens dialéticas em seus textos, em defesa da submissão dos conceitos masculinos. Weigel afirma que o desvelamento se dá entre um pensar em imagens e uma reflexão teórica. Um silêncio produzido pelo intervalo da conversação que se revela como seu próprio limite interno. Na afirmação da autora, para Benjamin, a dialética é assimétrica e se estabelece entre o falante e a receptor, ou seja, entre fala e o silêncio, entre o homem e a mulher. A sabedoria socrática, segundo Benjamin, pretende desfazer-se do corpóreo e do feminino, dando neutralidade ao sexual, mostrando *amor* pelo abstrato. O que faz a autora questionar: não seria a filosofia contemporânea uma inversão dessa cena, um retorno das mulheres à cena?

"Por que Hannah Arendt não quis tornar-se filósofa?" é o texto apresentado por Virginia Figueiredo que explica e expõe a dúvida de Arendt em aceitar o título de filósofa. Mas Arendt não quis tornar-se filósofa por resistir à atitude dos filósofos em possuir um imenso desprezo pelos negócios humanos. E talvez a ação política de Heidegger – por quem tinha admiração – lhe tenha servido de modelo negativo, nesse sentido. Esse sucumbir do filósofo (Heidegger), ao aderir ao nazismo, não deve ser entendido como uma questão particular ou pessoal, pois, justificadamente, Arendt trata a filosofia como um "*métier* ou profissão que deforma os homens" (p. 90), já que o pensamento é um ato que atribui à razão do homem uma "essência ficcionante". A ferida aberta mostra-se na adesão dos filósofos a regimes totalitários, o que trouxe consequências violentas à história do mundo, e ao mundo da própria Arendt. A exceção, na história da filosofia, foi Kant que, segundo ela, teria adotado o princípio do amor pelo exame, assim como fez Sócrates, colocando-se no *lugar-comum*.

Ocupada com a questão do corpo feminino, aparece Suzana Guerra Albornoz que, em "Sobre *Senhora Sant'Ana* ou os caminhos perdidos das identidades", misto de filosofia e análise literária, olha para o lado de dentro, as múltiplas tecituras das identidades femininas, salvação para os detalhes, a permanência, a passagem do tempo em diversas personagens como se fosse uma única memória feminina. Como leitora e conterrânea do romance *Senhora Sant'Ana*, de Lélia Almeida, 1995, Albornoz desvela uma alma fêmea que "chora o filho não tido ou perdido, o corpo que não procria, o filho crescido, distante, a cria roubada, morta,

separada" (p. 105), amores vividos e não vividos numa região do pampa da fronteira entre Brasil e Uruguai, mas o que se vê é um hibridismo cultural e suas complexidades expressos nos detalhes e testemunhos dos amores daquelas mulheres.

Imaculada Kangussu e Alice Lino, no texto "Alice disse. Sobre Kant e as mulheres", acreditam que a descrição das características dos sexos torna possível a determinação de direitos e deveres, das atividades e condutas próprias de cada gênero. Aqui a misoginia pode ser um instrumento para o estabelecimento da (in)justiça social. A ideia de fundo é que o interesse material determina legitimamente o comportamento das coquetes. As autoras encontram nas obras kantianas, como *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, onde à mulher são atribuídas as qualidades da beleza e da agradabilidade, e em grau elevado fascinante; e ao homem, as características do sublime. Em outras obras, como *Fundamentação da metafísica do futuro* e *Metafísica dos costumes*, as autoras condenam o desaparecimento do feminino quando Kant estabelece direitos e deveres iguais para todos os seres humanos. A interrogação é: as distinções de gênero implicam a inclusão do gênero feminino no sujeito transcendental? A resposta, se positiva, revela uma contradição dentro do magnífico edifício kantiano.

O olhar filosófico de Magali Mendes de Menezes, em "Um dizer feminino: a maternidade como expressão da subjetividade no pensamento de Emmanuel Lévinas", resgata a questão do feminino que perpassa o pensamento reflexivo da maternidade como uma linguagem subjetivada de expressão que, antes de possuir uma forma ou uma imagem, surge como metáfora. Mas a metáfora como "um lugar subversivo" (p. 162) da própria linguagem. Assim, a identidade de uma pessoa que se concretiza em seu nome só passa a existir após seu nascimento, o tempo da maternidade aparece como um tempo de indecisão, em que não há nome, não há identidade, "o tempo da maternidade é o tempo do um-para-o-outro, tempo da substituição" (p. 164). É um tempo anterior, ausente de história, pois é a maternidade que vive o tempo e o lugar de um Outro, que não é o seu. A maternidade traz uma linguagem da presença de um Outro em si mesma – é a subjetividade maternal.

Jeanne Marie Gagnebin, em "Feminino plural", faz uma reflexão de cunho antropológico, imbricado filosoficamente numa perspectiva feminista, que constata a *pseudolibertação*, pelos fatores culturais e econômicos das mulheres ligados à organização capitalista e ao império das mercadorias e do consumo. Contudo, uma exigência é proposta pela autora no campo da própria razão: que a maiêutica socrática que produz, diz Platão, filhos imortais, *logoi*, os discursos filosóficos, não seja contraposição ao parto dos seres sexuados, não possibilitando a volta para uma pretensa unidade originária das mulheres, pois nem a criticidade da razão que tudo abarca, propõe-se preencher o vazio da morte, do sexo, da vida.

Maria Cristina Franco mostra, em seu texto "Mulher, amor e amizade em Nietzsche", a superfície profunda da corporeidade feminina. A mulher como o OUTRO é que cabe pensar a partir da correlação nietzschiana entre mulher e verdade. Nessa correlação, há uma associa-

ção de ambas prescindirem os fundamentos últimos, logo sem fundamentos, mas não rasas e, sim, profundas, que não se consegue identificar, controlar, domesticar. Nesse sentido, aderir à verdade-mulher implica esquivar-se de novas modelações, ou seja, é o afastar-se da perspectiva dogmatizante. No sentido sugerido por Nietzsche a *evitar camisas-de-força identitárias, a esquivar-se de projetos de hegemonia, bem como do desejo de tornar-se "majoritário"*, são armadilhas postas a nu por Nietzsche.

Fernando Crespim Zorner da Silva, em "A mulher grega: o corpo de Fedra na peça *Hipólito* de Eurípedes", tem como eixo norteador uma indagação: *o que devemos fazer com o desejo feminino: ocultá-lo, reprimi-lo, confiná-lo em um calabouço ou conciliá-lo com a sua realidade social?* (p. 198). Seria o eixo norteador de toda a sua análise literário-filosófica da paixão e sexualidade da rainha louca, Fedra, e presa em seu castelo. Na trama, para livrar-se da paixão por seu enteado, que não fora nutrido por ela, mas dado como um desígnio pela deusa Afrodite, portanto invencível, insuperável, por ser divino, acaba por optar destruir-se lenta e dolorosamente por amor. Paixão e desejo de destruição estão intimamente ligados. Mas, paradoxalmente, o desejo desse corpo enfraquecido torna-se livre, "disposto a movimentos que fogem da rotina restrita do palácio, mesmo que seja só em delírios" (p. 194). Uma liberdade inaceitável para uma mulher do mundo grego.

No epílogo, "A polaca santa e as profissões femininas", apresentado por Álvaro L. M. Valls, apreciamos um pouco da biografia de Edith Stein, filósofa judia alemã, morta em Auschwitz, em 1942. Convertida ao catolicismo, declarada beata em 1987 e canonizada em 1998, questionava a exclusão das mulheres nos postos eclesiais, protestava contra a valorização unilateral da maternidade em detrimento dos talentos individuais femininos, bem como declarava e defendia que "a mulher pode, respeitando seus respectivos dons individuais, exercer todas as profissões possíveis, porém sempre 'do jeito genuinamente feminino'" (p. 202). Tais manifestações, segundo o autor, deixa-a além de seu tempo, fazendo da educadora polonesa uma líder feminista e pioneira no movimento feminista das mulheres católicas.

Por fim, com "Ensaio sobre coragem – Olga: mãe e guerreira", de Alenka Cencic, chegamos a um texto fundamentalmente histórico de Olga Megliè, morta na Segunda Guerra Mundial, com pouco mais de trinta anos. A autora demonstra a contribuição das mulheres no mundo privado e público a partir de Olga, uma mulher perspicaz que refletiu seus tempos difíceis, cruéis e humilhantes, mas acreditou nas suas convicções políticas e éticas aliando-se a um grupo de resistência e, por coragem, assume todos os riscos, inclusive o de morte – sua e de seus familiares. Casada, era mãe de dois filhos pequenos. Mas a coragem libera os homens de sua preocupação com a vida para a liberdade do mundo, porque, no âmbito político, não se fala em vida própria e, sim, na busca da virtude de servir ao outro. Embora, traída por sua imprudência ou pela coincidência, deixa seu legado da superação da covardia egoísta além do âmbito da coragem física; o desejo e o esforço indescritível de ver seu país livre.

Desse modo, o convite ao espírito perquiritário do leitor não direciona à pergunta e, sim, à resposta de algo que não foi perguntado. As autoras não pretendem buscar a verdade, mas apenas sua busca. E com essa atitude abrem portas para que questões diversas sejam discutidas de forma ampla e desveladas à luz da razão que, outrora, foi obscurecida enquanto seus pais e maridos discursavam pelo poder ou definiam o uso das linguagens.

TIBURI, M.; VALLE, B. (Org.). *Mulheres, filosofia ou coisas do gênero*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. 1224 p.